

# LINGUASAGEM

## REGISTROS COMUNICACIONAIS POLÊMICOS NA CONTEMPORANEIDADE BRASILEIRA: DISCUSSÕES LINGUÍSTICAS E O DISCURSO

Rosália Prados<sup>1</sup>  
Sonia Maria Alvarez<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta uma discussão sobre expressões de linguagem que se tornaram polêmicas em diferentes mídias no contexto contemporâneo, por meio de registros comunicacionais e informativos presentes nas redes sociais. Fundamenta-se em contribuições da Linguística, da Análise do Discurso e estudos contemporâneos da Metáfora, além de contribuições da Semiótica. Tem como objetivo, analisar o sentido de registros que se constituem nas e pelas linguagens e que se manifestam na produtividade discursiva em redes sociais contemporâneas. O método constituiu-se de pesquisa teórica e da análise semiótica do discurso. Foi selecionada a expressão metafórica *Gabinete do Ódio* em publicações de alcance nacional, no período do primeiro semestre de 2020. O estudo do discurso possibilitou discussões não só sobre significação e efeitos de sentido, mas sobre a cultura e sociedade brasileira, ideologias e tensões em conflito que se manifestam na mídia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso; Gabinete do Ódio; Metáfora; Mídia.

### ABSTRACT

This article intends to discuss about language expressions that have become controversial in different media, in our days, by recording in communicative and informative network. This study is based on Linguistics contributions, in Discourse Analysis and considerations about contemporary studies on Metaphor and Semiotics. Its objective is to analyse the meaning of recording that are constitutives in and for languages and its manifestation in discursive productivity networks in our days. The method is a qualitative one and it is based on theoretical research and its description by theoretical discourse semiotic analysis. The analysis has been selected by the expression *hate office*, from January to June of 2020, in publishing national and international news. The study of discourse allows discussions not only about meaning and effects of meaning, but about Brazilian culture and society, ideologies and conflicting tensions that manifest in the media.

**KEYWORDS:** Speech; Hate Office; Metaphor; Media.

---

<sup>1</sup> Doutora em Semiótica e Linguística Geral, pela Universidade de São Paulo (USP); professora pesquisadora na Unidade de Pós-Graduação, Extensão e Pesquisa (UPEP), no programa em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional, do Centro Estadual de Educação Tecnológica (CEETEPS). E-mail: [rosalia.prados@gmail.com](mailto:rosalia.prados@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP); diretora acadêmica da Faculdade de Tecnologia de Itaquaquecetuba, do Centro Estadual de Educação Tecnológica (CEETEPS). E-mail: [sonia.alvarez@uol.com.br](mailto:sonia.alvarez@uol.com.br).

## Introdução

Este artigo trata de um estudo sobre efeitos de sentido de registros comunicacionais e informativos que se tornaram polêmicos no contexto contemporâneo. Para esta discussão, além dos estudos de Análise do Discurso e das contribuições teóricas mais contemporâneas sobre a Metáfora, foram consideradas pertinentes também as pesquisas em Semiótica Discursiva e Sociosemiótica.

Neste estudo, considera-se que se justifica o estudo do discurso, dado o caráter dialógico da linguagem humana e dinâmica discursiva do sujeito, pelo fato de ser necessária a interação comunicativa e suas múltiplas possibilidades. Para Bakhtin (1990), este sempre reflete outros discursos.

O estudo do discurso, como capacidade humana de comunicação e processo de construção do *saber social*, ou do saber compartilhado, é também objeto de estudo da Semiótica Discursiva e da Sociosemiótica de linha francesa, que tem suas raízes na teoria da linguagem, em que se concebe a língua como uma instituição social. Segundo essa perspectiva, não se trata apenas do estudo do signo, mas da significação em contexto, e o discurso é visto como um processo de produção de significação, de produção de informação, de produção e sustentação de ideologia (Pais, 2007).

Este artigo tem por objetivo analisar o sentido de registros que se constituem *nas* e *pelos* linguagens e que se manifestam na produtividade discursiva em redes sociais contemporâneas. A metodologia de análise do discurso que se propõe é a da Semiótica Discursiva, desenvolvida por Greimas (2001). Essa perspectiva de Semiótica baseia-se em conceitos da teoria linguística para a noção de produção do discurso. Considera-se, assim, um percurso que gera a enunciação, ou seja, o sentido é gerado no desempenho e não na competência do falante, seja na linguagem verbal ou não verbal (Prados; Bonini, 2017).

Pressupõe-se, dessa maneira, uma estrutura narrativa do discurso, ou seja, uma estrutura sintática, porque são consideradas as funções dos actantes<sup>3</sup> numa dimensão de ação no discurso, além de uma semântica narrativa. Ainda, quanto à metodologia de análise semiótica do discurso, segundo essa visão, a estrutura narrativa, que é estrutura de ação e de transformação, é subjacente a uma estrutura superficial ou a da

---

<sup>3</sup> Segundo Tesnière (linguista francês), trata-se de cada um dos participantes de um processo sintático, que são sempre substantivos ou sintagmas nominais (Charaudeau; Maingueneau, 2012). Segundo Greimas (2001), actantes são os participantes ativos (pessoas, animais ou coisas) em qualquer forma narrativa, seja um texto, uma imagem, ou um som.

discursividade, em que se caracterizam as relações de pessoa, espaço, tempo, temas e figuras, presentes mesmo em linguagens não-verbais, como a arquitetura, as artes visuais, plásticas, etc, de modo que as marcas da enunciação manifestam-se num texto, seja ele verbal ou não verbal. Ainda, é passível de ser analisada, no discurso, uma estrutura fundamental semântica profunda em que se caracterizam sistemas de valores ou ideologia.

Para a análise do discurso que se propõe neste trabalho, concebeu-se a perspectiva da Sociossemiótica, uma linha da Semiótica Greimasiana do Discurso, que busca capturar o sentido no momento de sua produção, ou seja, o sentido em situação ou em ato, construído na interação sujeito *vs.* mundo. Trata-se do discurso produzido em diferentes situações na esfera da comunicação, como o jornalístico, o publicitário, o político, o político-eleitoral, o político-ideológico, dentre outros, em que os sujeitos enunciador e enunciatário são coletivos e representam determinado grupo social (Pais, 2005).

Assim, para essa análise do discurso, dentre as inúmeras manifestações na mídia da expressão metafórica *gabinete do ódio*, foram selecionados, no período de dezembro de 2019 a junho de 2021, em publicações de alcance nacional, quatro excertos jornalísticos:

- *O que é “Gabinete do Ódio” que virou alvo da CPMI das Fake News*, manchete do Estadão Conteúdo, divulgado na Gazeta do Povo, em 06 de dezembro de 2019;
- *Ex-aliados de Bolsonaro mostram como funciona o “Gabinete do Ódio”* manchete de Congresso em Foco, divulgado por Notícias UOL, em 28 de maio de 2020;
- *STF fecha o cerco contra o “Gabinete do Ódio”*, manchete da Folha de S. Paulo, divulgada em 28 de maio de 2020;
- *Do Planalto, “Gabinete do Ódio” aumentou acessos a site investigado durante atos antidemocráticos*, manchete da Folha de S. Paulo, divulgada em 16 de junho de 2021.

Foram selecionadas essas quatro manchetes, por se tratar do jornalismo impresso, em que se manifestam no texto algumas das normas e coerções do discurso jornalístico, como sujeitos coletivos (enunciadores – que representam o jornal - e enunciatários – público leitor), são textos da esfera de comunicação, objeto da Sociossemiótica. Nessas

manchetes se destacou a expressão *Gabinete do Ódio*; expressão essa que ficou marcada no contexto sociopolítico brasileiro, em uma época de evidente polarização entre a esquerda e a direita. Essa expressão reforçou o posicionamento político de um lado que, por valores ou ideologia, sempre se opôs aos governos brasileiros dos últimos anos.

Neste estudo, é pertinente e relevante considerar o contexto político brasileiro, para se entender o registro comunicacional polêmico. Jair Bolsonaro, político alinhado à direita, foi o presidente do Brasil no período de 2019 a 2022, e, segundo Solano (2019), ganhou as eleições com oito segundos de campanha televisiva e conseguiu que o desconhecido partido político Partido Social Liberal (PSL) obtivesse 52 deputados na Câmara. De acordo com a autora, esse não é um fenômeno apenas nacional ou regional, mas ocorreu em vários países, como nos Estados Unidos, com Donald Trump, na Itália, com Matteo Salvini, e na Hungria, com Viktor Orbán, em que candidatos de extrema direita capturaram o sentimento de frustração e de desesperança com seus discursos de renovação e reforço de valores. “É o denominado voto de castigo” (Solano, 2019, p. 308).

Essa política dos antagonismos com a rejeição a alteridades, para Solano (2019), tornou-se uma força eleitoral irresistível e constituiu os elementos discursivos que já soavam com força desde o *impeachment* ocorrido no governo anterior ao governo de Bolsonaro.

Este estudo, portanto, organizou-se a partir de quatro momentos: o primeiro, *Estudos da linguagem e discursos*, em que se apresentam algumas discussões conceituais sobre estudos do discurso; o segundo, *Semiótica do Discurso*, em que se trazem considerações teóricas sobre a Semiótica e a Sociosemiótica de linha francesa, de Algirdas Julien Greimas, que desenvolveu uma metodologia de análise semiótica do discurso; o terceiro, *Estudos Contemporâneos da Metáfora*, em que se apresenta uma discussão teórica sobre Metáfora; e o quarto momento, *Mídia, Atualidade Política Brasileira e Metáfora: uma análise do Registro Comunicacional Polêmico*, em que se traz uma análise dos sentidos construídos por meio da expressão metafórica *gabinete do ódio* em discursos produzidos no contexto sociocultural e político brasileiro.

## **Estudos da linguagem e discursos**

Nesta análise são relevantes os estudos das relações de linguagem, da língua e seus discursos no contexto contemporâneo, para se apreender o sentido, ou sentidos, de um registro comunicacional. Assim, para uma análise dessas relações intersubjetivas,

intertextuais e interdiscursivas, na comunicação contemporânea, consideram-se algumas contribuições teóricas sobre o discurso.

Dentre as correntes de estudos linguísticos, são pertinentes as contribuições teóricas sobre a Pragmática da Comunicação, cujo objeto é a relação dos signos com o usuário, isto é, como os signos são empregados e interpretados por ele. De acordo com Souza (2006), a sintaxe trata das relações entre os signos; a semântica, da relação dos signos com os objetos a que se referem e a pragmática diz respeito à relação dos signos com seus usuários. A definição de cada uma dessas áreas direcionou a influência dos estudos da linguagem e do discurso para o pensamento contemporâneo, tanto na filosofia, quanto na própria linguística e teoria da comunicação (Souza, 2006).

A partir das pesquisas na teoria da linguagem sobre os aspectos sociais e contextuais de comunicação, o lugar do discurso passou a ser objeto de análise. Considere-se que o homem faz parte de comunidade sociocultural, é um ser social, cultural e histórico e está inserido num processo de identificação ao compartilhar saberes, valores e crenças de um grupo, por uma visão de mundo e por um imaginário coletivo. Tais saberes, valores e crenças possibilitam o convívio social e conferem a todos os membros de determinado grupo a sua identidade cultural, memória social, consciência de pertencimento e de continuidade no tempo (Pais, 2007).

Só se é possível a construção de um discurso específico, quando são utilizados signos e leis combinatórias que pertencem aos demais membros de um determinado grupo. “A experiência individual, em sua alta especificidade, é única e intraduzível e só será inteligível aos outros, apenas quando traduzida em termos do ‘consenso’ de tal grupo” (Pais, 2007, p. 152).

Nesta discussão sobre registros comunicacionais polêmicos, é pertinente essa ideia de que o discurso é um processo de produção de sentido, gerado a partir de textos produzidos por um locutor, numa determinada situação histórica e com a finalidade de criar certos sentidos, ou para atingir determinados interlocutores. É importante destacar que todo discurso reflete uma ideologia, isto é, uma forma particular de ver e pensar o mundo (Prados; Ramirez; Fernandez, 2020).

Essa noção de discurso direciona esta discussão e análise, uma vez que o processo de produção de um discurso se dá a partir de um sistema de linguagem (competência de um sujeito que autoriza seu desempenho no grupo em que se insere). De modo que, de acordo com a Semiótica do Discurso, é contínua a produção, a reiteração, a transformação de recortes culturais e as novas significações discursivas.

## Semiótica do Discurso

O objeto de análise da Semiótica do Discurso de linha francesa não é o signo, mas a significação e as estruturas significantes que modelam o discurso, pois neste estão esquematizadas as representações e experiências humanas. Segundo Fontanille (2008), quando se considera o discurso como ponto de partida para um estudo, evidencia-se que tais representações e experiências são formas cristalizadas ou convencionais, que não são unicamente signos, mas todo um sistema de significação.

A significação, como uma função semiótica, pode ser entendida como uma relação de dependência entre conteúdo e expressão. E pode ser entendida, também, como semiose, ou seja, os processos de significação são armazenados na memória, atualizam-se, recuperam-se e transformam-se permanentemente (Prados; Bonini, 2017).

Os dados da experiência, segundo Prados e Bonini (2017), constituem-se como informação potencial, que pode ser transformada em informação utilizável pela intermediação nos processos semióticos (linguagens verbais, não-verbais ou sincréticas). Por isso, o homem, dotado de competência de linguagem, produz os recortes culturais, por meio do discurso.

Pais (2007) afirma que os sistemas semióticos que integram o complexo sociocultural e linguístico de determinada comunidade ou grupo social, só funcionam caso se conservem para assegurar a intercompreensão dos sujeitos e se modifiquem para responder às novas necessidades de comunicação. Sendo assim, produzem novos recortes culturais, novas grandezas-signos e novas funções metassemióticas.

Trata-se de uma tendência teórica de Análise do Discurso, por meio da desconstrução das estruturas discursivas, de acordo com a metodologia semiótica, segundo Greimas (2001). De acordo com essa metodologia greimasiana, a existência das *coisas* somente faz sentido por meio da produção de um discurso que lhes atribui significados, ou seja, o discurso produz o sentido.

Para Greimas (2001), portanto, a Semiótica requer uma metodologia que dê conta do significado em um sentido mais amplo. Para isso, um processo discursivo, em seu plano de manifestação, reúne expressão e conteúdo. Mas não é possível se analisar tal plano sem que se considere significado e significante, tal como na análise linguística, para que se possa ultrapassar esse nível e ser possível a análise de unidades mais profundas e

menores de cada um desses planos, para a reconstrução do sentido no processo enunciativo (Prados; Bonini, 2017).

O processo discursivo subjacente a um texto é considerado, dessa maneira, resultado de uma atividade humana constituída de conteúdo e expressão, que produz e reproduz representações e experiências. O estudo dos discursos e possibilidades de leitura e interpretação nas relações de comunicação, bem como a investigação do processo cultural e construção de um “saber social” (Pais, 2005, p. 154), ou saber compartilhado, são objetos das pesquisas semióticas e sociossemióticas.

A Sociossemiótica, que é um ramo dos estudos da Semiótica Discursiva Greimasiana, examina o funcionamento dos discursos no seio da vida social. Segundo essa perspectiva, pressupõe-se uma tipologia de discursos sociais não-literários, tais como, o discurso científico, tecnológico, político, jurídico, jornalístico, publicitário, pedagógico, burocrático, religioso, dentre outros.

Essa especificidade da Semiótica trata desses *universos de discurso*, ditos sociais, porque, embora tenham, como é evidente, emissores e receptores individuais, caracterizam-se por possuírem enunciadores e enunciatários *coletivos* (Prados; Bonini, 2017). São, pois, objetos de análise sociossemiótica, os discursos que circulam na sociedade, ou seja, é a sociedade que confere o valor de comunicação ao discurso com seus sujeitos coletivos.

Grupos ou segmentos sociais, segundo Prados e Bonini (2017), como são caracterizadas as redes sociais na contemporaneidade, ou comunidades virtuais, também constituem o campo de pesquisa da Sociossemiótica. É pertinente considerar que, segundo Landowski (1992), no campo da Sociologia, para um número expressivo de pesquisadores, a ciência política tornou-se, prioritariamente, uma abordagem dos comportamentos e das atitudes. E a análise das representações que comandam essas atitudes passa, necessariamente, pela interpretação de certos tipos de textos, ou enunciados.

Landowski (1992), ao se referir à ciência política, esclarece que o *texto* é um material familiar aos pesquisadores das Ciências Sociais, mas o *discurso* pode ser analisado como objeto do conhecimento que se encontra em uma problemática das relações humanas e estratégias de poder. Nas redes sociais, portanto, caracterizam-se as relações de linguagem, ou interdiscursividade.

O discurso possibilita novas perspectivas de análise, não só no estudo da temática das ideias e ideologias ou do vocabulário e de figuras, mas também, segundo Landowski

(1992, p. 10), do “funcionamento global e da eficácia social da atividade discursiva enquanto tal”.

Assim, para uma análise da expressão metafórica *Gabinete do Ódio*, são pertinentes as ideias de Landowski (1992), sobre o discurso político. Para esse autor, a lógica discursiva, em que se baseia a metodologia semiótica e sociossemiótica, está na estrutura profunda do discurso e é de alcance mais geral. O discurso político, em que se manifesta o desejo de mudanças, é persuasivo, pois é formador de vontade pela sua lógica discursiva, que é a do fazer-querer.

Segundo Landowski (1992), no entendimento sobre a força dos movimentos de opinião que apoiam ou apelam, com uma insistência particular para o aparecimento da mudança em política, é necessário considerar que esses movimentos não se detêm apenas à racionalidade de um *homo politicus* ideal, com justos argumentos que o levem a agir para transformar o mundo e torná-lo um mundo melhor. Mas, de acordo com esse autor, os movimentos políticos têm origem em algo que tem relação com a gestão do sentimento de identidade do sujeito coletivo, atores ou testemunhos do que muda em torno deles e com eles (Prados; Bonini, 2017).

Hjelmslev (2006) desenvolveu uma teoria que foi essencial para a metodologia de análise semiótica e sociossemiótica dos discursos. Partindo da noção de arbitrariedade do signo, ou seja, da ideia de que o signo é convencionalizado social e culturalmente, a autor trouxe elementos sólidos para se desenvolver uma teoria com uma metodologia descritiva, de cunho integralmente *imanente*, ou seja, que faz parte de maneira inseparável da essência de um ser, ou inerente a este.

E, nesta análise do discurso quanto ao registro polêmico *Gabinete do Ódio*, são pertinentes os estudos sobre a função semiótica, segundo Hjelmslev (2006, p. 54), “do sentido como substância de uma forma qualquer, tanto no plano do conteúdo como no plano da expressão”. Para Hjelmslev (2006), no entanto, os termos expressão e conteúdo são grandezas que designam os funtivos<sup>4</sup> que contraem uma função semiótica.

Essa teoria de Hjelmslev contribuiu para a descrição dos sentidos de *denotação*, cuja função semiótica é a de uma expressão em relação ao conteúdo; dos sentidos de

---

<sup>4</sup> Para Hjelmslev, todo signo se define por uma função, pois funciona, designa, significa, opondo-se a um não-signo. Por isso é portador de uma significação e segundo a teoria da linguagem hjelmsleviana, distingue-se o termo *expressão de um signo*. Hjelmslev adota os termos expressão e conteúdo para designar os funtivos que contraem a função em questão, que é uma função semiótica, apenas operacional e formal. Não se pode conceber função semiótica sem os funtivos, expressão e conteúdo simultaneamente, pois não existe expressão sem conteúdo e nem conteúdo sem a sua expressão, pois existe uma função semiótica (Prados; Bonini, 2017).

*conotação*, ou *metasemiótica*, cuja função semiótica é a de uma expressão em relação ao conteúdo e sua transposição para um novo conteúdo (metáfora), ou ainda, de uma expressão em relação ao conteúdo e sua transposição para uma expressão em relação ao conteúdo (intertextualidade) (Hjelmslev, 2006).

As contribuições de Hjelmslev foram precursoras do desenvolvimento da metodologia de análise semiótica de linha francesa, desenvolvida por Greimas, segundo Prados e Bonini (2017). Atualmente, há pesquisas sobre a metáfora em que se pressupõem essas relações *na* e *pela* linguagem, com o discurso. São estudos contemporâneos da metáfora que possibilitam uma leitura mais crítica sobre a figuratividade discursiva.

### **Estudos Contemporâneos da Metáfora**

Sem pretender criar uma única interpretação da expressão comunicacional que será analisada, busca-se colaborar para uma compreensão mais crítica da metáfora que “(...) durante muito tempo foi considerada apenas uma figura de retórica. Isto significava dizer que a metáfora não possuía valor cognitivo algum; era um simples ornamento, que não trazia nenhuma informação nova” (Alvarez, 2009, p. 178).

Essa visão ainda persiste e seu uso, comumente, não é questionado. A metáfora, por este viés, ou seja, a partir de contribuições da Pragmática e Análise do Discurso, pode se constituir como um dos meios mais usados de transmissão de verdades, de valores sociais que se impõem aos sujeitos, de modo a definir maneiras de pensar e agir, de se expressar e de ser. Logo, enquanto prática discursiva, as metáforas impõem algumas vozes e silenciam outras que escapam pelas brechas deixadas pelo interdiscurso.

Para Bakhtin (1990, p. 43), “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas relações sociais em todos os domínios”. A palavra é sempre o indicador mais sensível de todas transformações sociais, por meio da qual se é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.

Há, portanto, a partir de 1970, quanto à metáfora, um questionamento em relação a este ponto de vista, que se limita apenas à estilística. Assim, essa chamada *virada cognitiva* possibilitou a remoção do estigma de desvio que a metáfora trazia até então. “A metáfora tornou-se inteligível como uma instância altamente reveladora da capacidade humana de fazer sentido (*making sense*)” (Steen, 1994, p. 3).

A metáfora torna-se comparável a outros instrumentos de conceptualização e obtém-se embasamento para se rever seu valor, não só como pertencente ao domínio da linguagem, mas como uma operação cognitiva de grande valia, quer em termos linguísticos, sociais, científicos, ou ainda psicoterapêuticos. Enfatiza-se que a imaginação e o sentimento não são extrínsecos ao surgimento da metáfora. Ambos não substituem certa carência informativa das expressões metafóricas, mas completam sua intenção cognitiva total.

Existe um grande sistema conceptual metafórico que subjaz à nossa linguagem usual e para Lakoff e Johnson (1980) a metáfora é vista como a união da razão e da emoção, como racionalidade imaginativa. E, do ponto de vista mais recente da Semiótica do Discurso, o enunciado (no qual se apresentaria a metáfora) é um produto que resulta de um *fazer persuasivo* de um sujeito enunciatário e de um *fazer interpretativo* de um sujeito enunciatário (Pais, 2007).

Coracini (1988, 1991), Lakoff e Johnson (1980) propõem um modelo de abordagem da metáfora que chamam de conceitual. Neste modelo, a metáfora constitui um procedimento de raciocínio, preexistindo à expressão linguística. Coracini (1991) assinala que os conceitos metafóricos estruturam nossas atividades diárias e científicas de forma imperceptível e inconsciente e constituem forma de pensar e de agir de uma determinada época.

Para esta análise serão consideradas as abordagens da metáfora conceitual, pois são pertinentes para a análise do discurso que se propõe. Na Análise de Discurso Sociosemiótica, toma-se por base a metodologia de Análise do Discurso Greimasiana de linha francesa.

### **Mídia, Atualidade Política Brasileira e Metáfora: uma análise do Registro Comunicacional Polêmico**

As diferentes mídias vinculam-se, geralmente, à circulação de conhecimento para a sociedade como um todo e permitem que os discursos se manifestem de forma material. Elas representam espaço para difundir informações e diferentes construções da vida social.

Os textos midiáticos sujeitam-se a processos de seleção e se constituem em versões da realidade que dependem de diferentes interesses, objetivos e posições de quem os elabora, de quem os lê, de quem os ouve. De acordo com a metodologia semiótica do

discurso, os textos são considerados produtos de diferentes discursos que circulam no contexto contemporâneo do desenvolvimento tecnológico e das diferentes redes de comunicação, em que se apresentam novas interações e novas práticas de linguagem.

Existe um processo de massificação da (des)informação por meio da mídia e das redes sociais, que é do conhecimento comum de grande parte da população mundial. Os políticos, por sua vez, utilizam há um bom tempo os recursos oferecidos pela mídia contemporânea para seus interesses e propósitos.

Aposta-se em redes sociais como base de comunicação: *Facebook*, *X*, *Instagram*, *Flickr* e *YouTube*. Tais redes de comunicações se prestam à transmissão de conteúdos ao vivo, verdadeiros ou até mesmo falsos. Há grande permissividade para a disseminação de informações falsas (*fake news*) por tais mídias, ainda que tal fato não seja exclusividade delas. Sempre existiram notícias falsas, enganosas, veiculadas de forma intencional ou não, mas, na contemporaneidade, acelerou-se em demasia esse quadro.

O discurso político brasileiro contemporâneo não foge à regra, em termos de utilização das redes sociais, inclusive alavancou-se esse tipo de comunicação, desde campanhas eleitorais anteriores ao governo vigente. Convém mencionar que o então presidente Bolsonaro, quando candidato em 2018, foi vitorioso na eleição e contou, também, com uma mídia espontânea, devido a um atentado sofrido por ele durante a campanha. Outro fato relevante foi a sua não participação em debates tradicionais, por redes de rádio e televisão, na primeira vez em que foi candidato, e por sua aposta massiva em propaganda pelas redes sociais.

O governo eleito em 2018, representado pelo então presidente Jair Bolsonaro, ratificou práticas discriminatórias, ofensivas, que sempre constituíram a realidade brasileira desde seus primórdios, ditos civilizatórios. Tal realidade foi reforçada e acelerada, cotidianamente, por seu governo, pela mídia e pelas redes sociais, como uma estratégia discursiva que se voltava à classe social mais conservadora, a fim de reforçar um discurso ultrapassado de uma elite que teria perdido referências de valores culturais, morais e religiosos ao longo do processo de democratização.

A metodologia de análise sociosemiótica segue os parâmetros greimasianos de análise do discurso, na qual o objeto não é o signo, mas a significação e as estruturas significantes que modelam os discursos social e individual. O discurso jornalístico é um discurso social.

A expressão *Gabinete do Ódio* apresenta-se na linguagem verbal e constitui-se do ato linguístico que não é totalmente arbitrário no indivíduo, já que se estrutura sobre

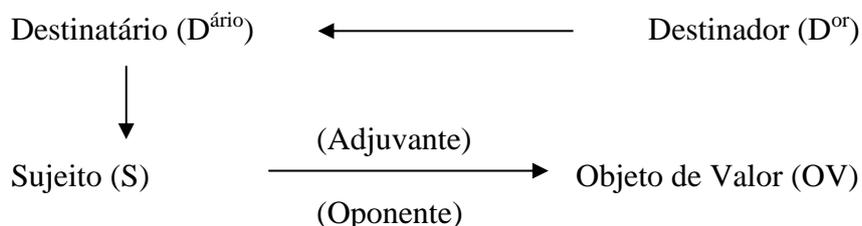
modelos precedentes, instituídos cultural e socialmente. Segundo a perspectiva gerimasiana, uma expressão e seu conteúdo não poderiam constituir lugar satisfatório de análise sem que se tomasse significado e significante, tal como na análise linguística, e se ultrapassasse esse nível para analisar as unidades mais profundas e menores de cada um desses planos para a reconstrução do sentido nesse processo enunciativo.

Para essa reconstrução do sentido, pressupõem-se as etapas do discurso, segundo Greimas (2001); uma estrutura narrativa do discurso, que é uma estrutura sintática, porque são consideradas as funções dos actantes numa dimensão da ação discursiva.

Além dessa estrutura narrativa, que é uma estrutura de ação e de transformação, apresenta-se a estrutura superficial ou a da discursividade em que se caracterizam as relações de pessoa, espaço e tempo, presentes mesmo nas linguagens não-verbais, como a arquitetura, as artes visuais e plásticas. Assim, é possível se perceber as marcas da enunciação num texto, seja ele verbal ou não-verbal.

É passível de ser analisada, no discurso, ainda, uma estrutura fundamental da semântica profunda em que se caracterizam sistemas de valores ou ideologias. Essa análise se sustenta na lógica aristotélica dos contrários e contraditórios.

Inicia-se a análise pela estrutura narrativa do discurso, que se baseia neste modelo validado da Semiótica Greimasiana:



Na primeira linha, está caracterizado um percurso de manipulação discursiva, em que um Destinador instaura um Destinatário. O destinatário do discurso político no caso caracteriza-se pela Vontade de Mudança.

Na estrutura narrativa do discurso político que elegeu o governo de Bolsonaro em 2018, pode se inferir que um sujeito coletivo foi instaurado por um processo de manipulação discursiva na ordem do saber: um sujeito *Sabe* que no processo da democratização, a partir da Constituição Brasileira de 1988, alguns valores morais e religiosos não têm o mesmo alcance do mesmo modo para todos, devido à diversidade social e pluralidade cultural; e *Quer* a volta desses valores; *Quer* se identificar com seus iguais e *Não Quer* opiniões divergentes.

A imposição desse universo patriarcal discricionário retoma traços de uma constituição da subjetividade, relegada a um processo subliminar, latente, com emoções negativas, violentas, voltadas a diferenças constitutivas dos indivíduos que compõem o mosaico brasileiro em termos identitários.

Na estrutura superficial desse discurso político aparecem as marcas da enunciação, pessoa, tempo e espaço na tematização e figurativização. Nesse discurso político manifestam-se as exacerbações emocionais, passionais, que ora vêm à superfície, reforçadas pela mídia e suas redes sociais; criam, simbolicamente, adeptos de forma dirigida, sem questionamentos, que divulgam e propagam vários preconceitos e acusações diversas e nominais a diferentes indivíduos e setores públicos/privados da sociedade brasileira.

São pertinentes as considerações de Orlandi (2001) quanto ao texto. Para Orlandi, é o texto que significa, já que as palavras não significam em si e quando estas significam é por que têm textualidade, isto é, sua interpretação deriva de um discurso que as sustenta e abastece de realidade significativa.

Convém acrescentar o momento em que se constituiu o discurso político da época, o processo histórico, com a falta de segurança em diferentes setores da realidade sociopolítica mundial, a pandemia do vírus Covid-19, a falta de emprego, ou o aumento do subemprego, além da guerra Ucrânia/Rússia que se iniciava.

Ao disseminar ataques que se voltam a polarizar as relações políticas brasileiras, com notícias em diferentes espaços midiáticos, este artigo se volta à análise da expressão metafórica *Gabinete do Ódio* para simbolizar tal disseminação.

*Gabinete do Ódio* representa um espaço oficial, delimitado, com poderes de divulgação de notícias e de *Fake News*, tendo por base o governo federal brasileiro, cujo líder se constituiu como candidato à eleição e como governo eleito na época.

Segundo a metodologia semiótica e sociosemiótica, na perspectiva do discurso, pressupõem-se as etapas: - a análise e descrição das relações entre destinatários e destinatários, percursos dos sujeitos, ou seja, da estrutura narrativa dos discursos; - a análise da tematização e figurativização na estrutura superficial dos discursos; e o estudo dos sistemas de valores na semântica profunda (Greimas, 2001).

De acordo com esse percurso gerativo, no qual se gera o sentido, é possível a reconstrução do processo discursivo para um estudo das relações de linguagem, e dos processos de construção do *saber social*, compartilhado, segundo a metodologia semiótica greimasiana. Assim a expressão metafórica *Gabinete do Ódio* tem diferentes

discursos, jornalísticos, político-ideológicos, dentre outros, que a subjazem, o que a caracteriza como expressão polêmica.

O governo eleito continuou com o processo de massificação da (des)informação em seu mandato por meio das redes sociais e da mídia corporativa, que trouxeram a possibilidade da amplificação, junto à população, do chamado *Gabinete do Ódio*, expressão muito utilizada, em nosso recorte de análise, pela mídia impressa, o que não exclui as diferentes mídias.

Para análise da expressão metafórica *Gabinete do Ódio*, é necessário lembrar que, para tal, a interpretação sempre está presente, pois segundo Orlandi, (2001, p. 19) “não há sentido sem interpretação; (...) a interpretação está presente em dois níveis: o de quem fala e o de quem analisa”. A metáfora, para Orlandi (2001), da ordem simbólica, é o lugar da interpretação que, enquanto prática discursiva intervém no mundo, no real do sentido. Os diferentes gestos de interpretação é que constituem a relação com o sentido em diferentes linguagens e busca-se entender como nessas se produzem os sentidos.

Na análise semiótica, a metáfora constitui a figuratividade na superficialidade discursiva, concretiza a tematização. As palavras que integram a expressão metafórica, *Gabinete* e *Ódio*, dizem respeito, respectivamente, a *escritório, governo, sala, ministério*, dentre outras possibilidades; e a *cólera, fúria, braveza, malevolência*, etc.

A expressão *Gabinete do Ódio* remete à animosidade, ao confronto, pela palavra *ódio*, de forma estruturada e, com o acréscimo da palavra *gabinete*, que busca afirmar uma autoridade confinada num espaço oficial e governamental. O ódio fechado num espaço específico e oficial. Nada aleatório ou improvisado. A força da expressão enfoca a estrutura que desfere ataques ofensivos, furiosos a diferentes grupos, instituições, autoridades e pessoas, como estratégia digital eficaz e eficiente. E seguidores que propagam as informações indefinidamente.

Desde 2019, tal expressão metafórica aparece mencionada na mídia impressa jornalística incontáveis vezes. Observa-se que é também comum na fala coloquial de brasileiros e em transmissões televisivas diversas, quer por leigos ou por políticos, além de repórteres e jornalistas. Em função do mencionado, não se constitui em interesse deste artigo buscar a fonte primeira desse uso, mas, pelo contrário, buscar esse lugar comum. Há um processo maciço de (des)informação com tal expressão que amplia exponencialmente seu alcance e de sua significação.

Pôde-se interpretar, pela expressão, o momento de confronto, violência e fúria com que as relações se desenvolviam na mídia impressa, como reflexo direto, ou não, da

sociedade em que se insere o povo brasileiro na segunda década do século XXI. Há a vivência exacerbada da fúria, muitas vezes gratuita e sem base efetiva, em uma realidade vivida com grande instabilidade econômica, social e política no país e no mundo.

Ao selecionarmos alguns enunciados do discurso jornalístico, em que se manifestou a expressão polêmica *Gabinete do Ódio*, verificamos que, num plano superficial ou da discursividade, são projetadas a visão do enunciador, por meio de relações intersubjetivas espaço-temporais, uma vez que no enunciado manifestam-se pessoa, tempo e espaço para se produzirem os efeitos de sentido de verdade. Nesse processo discursivo da enunciação, com a intervenção do enunciador, aparecem os temas e as figuras. Um discurso pode apresentar vários papéis temáticos atualizados nesse plano, mas que podem fazer parte de outros discursos.

No enunciado publicado pelo *Notícias UOL*, em 28 de maio de 2020, que segue, há um discurso jornalístico subjacente, em cuja superfície é possível apreender informações sobre o funcionamento de um determinado setor do governo: “Deputados federais que foram aliados do presidente Jair Bolsonaro forneceram detalhes sobre o *modus operandi* do chamado ‘Gabinete do Ódio’” (Said, 2020, n.p.).

É possível verificar uma relação intersubjetiva espaço-temporal, por meio da qual se manifesta o confronto aliados/não-aliados, no percurso do sentido. A tematização, segundo a análise semiótica, é a reiteração de certos traços semânticos.

É o revestimento de elementos da narrativa do discurso com um percurso sêmico, ou investimento semântico, ligado a conceitos abstratos, num papel temático construído ao longo de um discurso. Esses percursos temáticos podem ser recobertos por percursos figurativos, que são redundância sêmica, que produz coerência semântica, quanto a traços semânticos descritivos, de acordo com a metodologia semiótica.

No trecho do jornal *Gazeta do Povo*, que destaca as principais manchetes dos veículos nacionais, publicado em 06 dezembro de 2019, o registro é definido da seguinte forma:

‘Gabinete do ódio’ é como internamente integrantes do governo passaram a se referir ao grupo formado por três servidores ligados ao vereador do Rio de Janeiro, Carlos Bolsonaro (PSC), filho “02” do presidente. Os assessores Tércio Arnaud Tomaz, José Matheus Sales Gomes e Mateus Matos Diniz produzem relatórios diários, com suas interpretações, sobre fatos do Brasil e do mundo, e são responsáveis pelas redes sociais da Presidência da República (Estadão, Conteúdo, 2019, n. p.).

Nessa ocasião, a *Comissão Parlamentar de Inquérito* (CPMI), que investigava a disseminação das *Fake News* no Congresso Nacional Brasileiro, solicitou acesso aos IPs (identificação dos aparelhos) dos computadores usados por servidores que integravam essa equipe do referido gabinete – o gabinete do ódio - que atuava no mesmo andar no qual o então presidente Jair Bolsonaro despachava diariamente.

Pode-se verificar que um discurso foi produzido nesse contexto de ódio à oposição, uma prática de comunicação polêmica que se evidenciou nesse governo. Para Alvarez (2009), o registro polêmico define-se no discurso político, político-ideológico, em diferentes mídias, e a metáfora manifesta-se nesses discursos com sua rapidez e efemeridade.

O termo *registro* não se define de forma clara e taxativa. Considera-se registro como a face externa dos discursos que diz respeito à prática de falantes/ouvintes, ou como a persistência de certa informação durante determinado período de tempo. “Estrutura-se como o resultado concreto de uma interação social” (Santos, 1998, p. 12). É possível inferir-se que a expressão *Gabinete do Ódio* adquiriu sentido a partir da prática interativa de falantes/ouvintes. Segue-se o enunciado da *Folha de São Paulo*, também publicado em 28 de maio de 2020:

STF fecha o cerco contra o ‘Gabinete do Ódio’; confira quem são os alvos. Em operação determinada pelo ministro Alexandre de Moraes, PF faz buscas e apreensões em endereços de suspeitos de integrar esquema de disseminação de notícias falsas, entre os quais empresários e blogueiros. Magistrado fala em ‘associação criminosa’ (Souza, *et al*, 2020, n.p.).

Verifica-se, nesse registro comunicacional, essa relação estreita da língua com o propósito socialmente criado para usá-la, que autoriza a produção discursiva jornalística. O registro também pode ser definido como o conjunto de escolhas de elementos da linguagem que se faz em diferentes contextos, em termos de três variáveis: de campo, de relações e de modo.

Registro pode designar, ainda, “qualquer conjunto de traços linguísticos regularmente associados em um discurso, mas que não se caracterizam por ocorrerem em um único gênero” (Maingueneau, 2010, p. 187). O registro é determinado pelo objetivo de fala ou de escrita, no momento de seu uso, ligado ao contexto da situação. Considere-se a manchete, publicada em 16 de junho de 2021, no jornal *Folha de S. Paulo*: “Do Planalto, gabinete do ódio aumentou acessos a site investigado durante atos

antidemocráticos” (Rocha; Teixeira, 2021, n.p.). Verifica-se, portanto, que na expressão *Gabinete do Ódio* se evidenciou uma polarização político-ideológica que caracterizou o contexto político brasileiro, no que diz respeito à produção de notícias falsas ou mesmo desinformação sobre fatos reais.

Para Maingueneau (2010), há três tipos de registro, com base nos critérios que presidem sua definição: linguísticos, funcionais e comunicacionais. Segundo esse autor, o polêmico é visto como registro comunicacional e associa a este um repertório de traços linguísticos considerados característicos de certa *violência* verbal, embora Maingueneau (2010) considere tal concepção vaga, tendo-se como ponto de vista a Análise de Discurso. Para esse autor, o registro pode ser abordado em três dimensões, sendo que só uma recobre o que se entende por registro polêmico.

Para esse autor, ainda, o registro polêmico pertence aos gêneros instituídos e “não à conversação, à interação oral espontânea” (Maingueneau, 2010, p. 189), e é utilizado em conflitos em que as questões estão colocadas além dos indivíduos que interagem.

O polêmico também é sempre público e supõe uma continuidade de trocas. A pragmática impõe sentido a ele, pois é necessário levar em conta a relação entre lugares, papéis e normas. “O simples fato de sustentar uma polêmica pressupõe pragmaticamente que há uma crise na comunidade em questão, que os valores que a fundam estão ameaçados” (Maingueneau, 2010, p. 193).

Tal crise de valores pôde se concretizar com a expressão, pois nesse momento são ressignificados discursos e atualizados em um contexto, processo discursivo a partir do qual emergem textos que não se sustentam com comprovações e possibilitam o aflorar de emoções violentas, sem controle, sem crítica e sem racionalidade. Dessa maneira os discursos são apreendidos no convívio social. Os diferentes textos são produtos de universos discursivos construídos pelos sujeitos em suas práticas sociais e seus respectivos processos discursivos.

## Considerações Finais

Esta pesquisa sobre registros de comunicações polêmicos em diferentes mídias, do ponto de vista dos estudos do discurso, da Semiótica e Sociosemiótica, possibilitou reflexões sobre a língua e seu uso, novas interações e novas práticas de linguagem. A análise da expressão metafórica *Gabinete do Ódio* possibilitou uma discussão sobre os sentidos da linguagem e dos discursos compartilhados no contexto contemporâneo e a

constituição do imaginário midiático das relações sociopolíticas e econômicas em um contexto de questionamento de valores culturais e até religiosos no processo de democratização.

Verificou-se nas mídias uma produtividade discursiva gerada por diferentes discursos que circulam na sociedade, como o político, o político-eleitoral, o publicitário, o de propaganda, dentre outros discursos produzidos no contexto sociocultural e político, que à época, a voz da oposição não tinha mais lugar para o diálogo. É uma prática de comunicação polêmica que têm seu valor de comunicação atribuído pela sociedade, com seus sujeitos coletivos e esses discursos, por sua vez, mantêm entre si redes de relações marcadas pela expressão *Gabinete do Ódio* de forma negativa e violenta.

Essa discussão, portanto, possibilitou reflexões sobre a palavra no discurso, a partir de discussões conceituais sobre o discurso, além das considerações teóricas sobre a Semiótica do Discurso, a Sociosemiótica e sua metodologia de análise. Foram pertinentes estudos contemporâneos da Metáfora para uma análise do registro comunicacional polêmico e sentidos construídos por meio da expressão metafórica *gabinete do ódio* em discursos no atual contexto sociocultural e político brasileiro que, pelo seu uso excessivo e constante parece tornar-se vaga e impessoal, mas cujos resultados alimentam a banalização de ofensas.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, S. M. O professor na pós-modernidade: metáforas. *In*: PRADOS, R. M. N. (Org.). **Semiótica, Discursos e Cultura**. São Paulo: Factash Editora e Hagrado, 2009.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick; MANGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CORACINI, M. J. R. F. **A subjetividade no discurso científico: análise do discurso científico primário em português e francês**. 1988. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1988.

CORACINI, M. J. R. F. **Um fazer persuasivo**. O discurso subjetivo da ciência. São Paulo: Pontes/Educ, 1991.

FONTANILLE, J. **Semiótica do Discurso**. Trad. Jean Cristtos Portela. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J. **Del Sentido II. Ensaio semiotico**. Madrid: Gredos, 2001.

HJELMSLEV, L.T. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANDOWSKI, Eric. **A Sociedade Refletida**. São Paulo: EDUC editora da PUC, 1992.

MAINGUENEAU, D.; SOUZA e SILVA, M. C. P.; POSSENTI, S. (org) **Doze Conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editora, 2010.

O que é Gabinete do Ódio que virou alvo da CPMI das *Fake News*. **Gazeta do Povo**, 06 dez. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/gabinete-do-odio-alvo-cpmi-fake-news/>. Acesso em: 23 fev. 2022.

ORLANDI, E. **Discurso e texto**. Formulação e circulação dos sentidos. São Paulo: Pontes, 2001.

PAIS, C. T. Considerações sobre a semiótica das culturas, uma ciência da interpretação: inserção cultural, transcódificações transculturais. **Revista Acta Semiótica et Linguística**. Sociedade Brasileira de Professores de Linguística [SBPL], v. 11, n° 30, 2007, p. 149-157.

PAIS, C. T. Propaganda e Publicidade no interdiscurso. Os sujeitos dos discursos científico e tecnológico em busca de seus objetos de valor. **Revista Philologus**. v. 11, n. 31, p. 152-163, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO11/31/011.pdf>. Acesso em: 23 fev.2022.

POSSENTI, S. Registro. As três facetas do polêmico. *In*: MAINGUENEAU, D.; SOUZA e SILVA, M. C. P.; POSSENTI, S. (org). **Doze Conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editora, 2010. p.187-198.

PRADOS, R. M. N., RAMIREZ, R. A.; FERNANDEZ, S. A. F. Discursos e Práticas educacionais em Educação Profissional. **Caminhos em Linguística Aplicada**, v. 22, n. 1, p. 213-226, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unitau.br/caminhoslinguistica/article/view/2913/1908>. Acesso em: 15 fev. 2022.

PRADOS, R. M. N.; BONINI, L. M. M. **Ensaio de Semiótica Aplicada**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2017.

ROCHA, M; TEIXEIRA, M. Do Planalto, gabinete do ódio aumentou acessos a site investigado durante atos antidemocráticos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 jun. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/do-planalto-gabinete-do-odio-aumentou-acessos-a-site-investigado-durante-atos-antidemocraticos.shtml> Acesso em: 15 abr. 2022.

SAID, F. Ex-aliados de Bolsonaro mostram como funciona o Gabinete do Ódio. **UOL**. 25 maio 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/ex-aliados-de-bolsonaro-detalham-modus-operandi-do-gabinete-do-odio/>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SANTOS, V. B. M. P. Estabelecendo as diferenças entre os termos registro e gênero. **The Specialist**, v. 9, n. 1, p. 1-40 1998. Disponível em: [9803-Article Text-24351-1-10-20120604.pdf](https://www.unisinos.br/revistas/index.php/filosofia/article/view/6101/3277). Acesso em: 11 fev. 2022.

SOLANO, E. A bolsonarização do Brasil. In Abranches, Sérgio (org). **A Democracia em Risco**. 22 Ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Editora Schwarcz S.A. Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, D. M. A teoria dos atos de fala como concepção pragmática de linguagem. **Filosofia**, v. 7 n. 3, Rio Grande do Sul: UNISINOS, p. 217-230, 2006. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/6101/3277>. Acesso em: 23/abr/2022.

SOUZA, R; SOARES, I; VASCONCELLOS, J. STF fecha o cerco contra o ‘Gabinete do Ódio’, confira quem são os alvos. **Correio Braziliense**, 28 maio 2020. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/28/interna\\_politica,858880/stf-fecha-o-cerco-contr-o-gabinete-do-odio-confira-quem-sao-os-alv.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/28/interna_politica,858880/stf-fecha-o-cerco-contr-o-gabinete-do-odio-confira-quem-sao-os-alv.shtml). Acesso em: 14 fev. 2022.

STEEN, G. **Understanding metaphor in literature: an empirical approach**. London: Longman, 1994.

### Como referenciar este artigo:

PRADOS, Rosália Maria Netto; ALVAREZ, Sonia Maria. Registros comunicacionais polêmicos na contemporaneidade brasileira: discussões linguísticas e o discurso. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.48, n.1, p. 343-362, 2025.

*Submetido em: 22/08/2022*

*Aprovado em: 20/02/2025*